

Sôbre uma crise de consciência

« Rentrons en nous-mêmes, consultons la Vérité intérieure. Mais prenons bien garde de ne pas confondre ses réponses avec les inspirations secrètes de notre imagination corrompue ».

MALEBRANCHE

A carta de Rodrigues Miguéis sugere-me umas breves explicações. Ei-las aqui:

1.^a Se julgámos necessário lembrar aos leitores da SEARA NOVA que a doutrina da nossa revista não estava em antagonismo com quaisquer afirmações de Castelo Branco Chaves, foi simplesmente por três razões. Primeira: pela inexplicável atitude de agressividade e de azedume tomada por Rodrigues Miguéis contra um camarada da SEARA que nada fizera para merecer tal fúria. Segunda: pelo tom magoante, desprezativo e chocante com que êle tratou ideas e pessoas que deviam merecer-lhe o maior respeito. Terceira (e mais importante): porque Rodrigues Miguéis, ao atacar Castelo Branco Chaves, se exprimiu de maneira tal que parecia falar em nome da SEARA, — em nome de todos nós. Com efeito no primeiro artigo de Miguéis (p. 60 da SEARA, a partir da linha 15) lemos o seguinte: « Ora se, em todo o caso, é sempre a idea, e outros conceitos igualmente simpáticos, que domina tôdas as apologias, campanhas e controvérsias desta revista, a verdade é que », etc. E logo depois: « Se o sr. Castelo Branco Chaves preguntasse aos componentes da Seara Nova... todos lhe responderiam que », etc. Por frases dêste teor, poderia parecer que o ataque se fazia em nome de todos nós. Ora, não devendo ser assim, ninguém no mundo poderá contestar que fôsse, não somente o nosso direito, mas até imperiosa obrigação moral, tirar aos leitores a convicção errada de que o ataque a C. B. Chaves era feito por todos nós, devidamente representados pela pessoa de Rodrigues Miguéis.

2.^a Depois de parecer falar em nome de todos nós na discussão contra C. B. Chaves, vem agora dizer-nos Rodrigues Miguéis:

« A verdade é que, embora suficientemente informados da direcção das minhas ideas, pela transparência dos meus artigos e pelas conversas a que acima faço referência, os directores da SEARA NOVA quiseram admitir que era em nome da sua ideologia que eu comentava desfavoravelmente o artigo de C. B. Chaves, e (como corolário lógico) que eu precisava de ser paternalmente admoestado sôbre o meu « erro de doutrina », attribuído assim benévola-

a um lapso de atenção... Isto força-me a declarar pensosamente que, desde o primeiro momento, eu vi no artigo de C. B. Chaves o pensamento político e social da SEARA NOVA em acção... Sou eu, com efeito, o transviado, — também o sei há muito ».

Ora, se quisemos admitir, com efeito, que era em nome da nossa ideologia que Rodrigues Miguéis no seu artigo comentava com desfavor o seu camarada, — foi porque Rodrigues Miguéis muito expressamente falou ali em nome de todos nós. Diz-nos agora, porém, que sabia que era êle o « transviado », e que Castelo Branco Chaves exprimia a doutrina da SEARA NOVA: pois, apesar disso, falou em nome de todos nós, e atacou-o azedamente...

3.^a Eis aí, quanto a mim, os dois erros de forma do seu artigo. Reconhecemos-lhe todo o direito de exprimir nas colunas da SEARA NOVA as suas divergências com a SEARA NOVA. Mas é inexplicável que o fizesse como quem falava pela própria SEARA e da maneira agressiva como quis fazê-lo, — ora violento, ora burlesco, ora caricatural, — começando por proclamar a intenção terrífica de « queimar as barbas » aos companheiros. Nem nós, nem as nossas barbas, lhe quisemos nunca senão bem, — e muito bem, e com muita amizade. ¿ Era pois de nós que êle divergia, como claramente confessa agora? Dirigisse-se então às nossas pessoas, — nitidamente, directamente, lealmente, — sem fazer uso do artifício estranho, mefistofélico e maquiavélico, de parecer atacar outrem em nosso nome, quando na verdade nos atacava a nós. Dirigisse-se a nós — seriamente, francamente, — naqueles termos respeitosos e amigos com que sempre nós o tratámos a êle. Tenho tido conversações de ideas — muito respeitadas e muito a sério, — com espíritos de primeira grandeza, muito superiores ao de Rodrigues Miguéis. Não se diminuía se nos falasse a sério. Segundo confessa nesta sua carta, era pois a nós — tão amigos seus, — que se dirigiam afinal os ataques ácidos, as acusações, as insinuações, que pareciam dirigir-se unicamente a Castelo Branco Chaves. Porquê a Castelo Branco Chaves? Neste caso, uma cabeça de turco era bem inútil.

4.^a Argumenta Rodrigues Miguéis com que eu já tinha conhecimento das suas divergências com a SEARA NOVA, por uma palestra que ocorreu em Paris. Necessito de aludir, também eu, a essa palestra, porque foi nela que se manifestou a incompatibilidade fundamental, — que não é aqui uma incompatibilidade de ideias, mas de atitude e de orientação.

Manifestou Rodrigues Miguéis um certo pendor para o bolxevismo. Eu opus, por meu lado, as minhas discordâncias com tal sistema, pois não admito restrições à liberdade de consciência. ¿E que verifiquei em Rodrigues Miguéis? Que ele não tinha fé nesse sistema como num ideal a realizar, mas que achava necessário, hoje em dia, mostrar-se um homem bolxevista para conseguir interessar realmente as «massas» e arrastar os operários para a acção política. E foi aqui que eu protestei; porque aqui (neste sacrifício da verdade interior às conveniências externas da acção política) é que para nós reside a divergência básica. Foi muito menos uma doutrina que a atitude mental de Rodrigues Miguéis o que o incompatibilizou com a SEARA NOVA. Porque muito acima da acção política pomos nós a veracidade crítica, a plena sinceridade da inteligência, o Deus em Espírito e em Verdade da conversação com a Samaritana; e o que mais define a SEARA NOVA não é o conjunto das suas teses, mas a sua atitude espiritual. Divergências de teses pode haver entre nós; mas não as deve haver de veracidade, de disciplina crítica, de ordenação intrínseca. Antes de tudo a SEARA NOVA é uma espécie de religião do intelecto, religião de pura espiritualidade, de constante aperfeiçoamento interior.

Á vista disto, tudo se explica. O caso de Rodrigues Miguéis é conhecidíssimo em psicologia. O nobre moço, neste momento, passa por uma crise de orientação moral: e fabrica agora doutrinas vagas, explicações confusas, teorias complexas, que justifiquem *a posteriori* ao seu próprio espírito o que a pura consciência lhe não quer admitir. Por isso ele, que era tão claro, não escreve agora senão confusões. As mais fundas lutas de consciência não são as do dever com a paixão: são as lutas do dever verdadeiro com tudo aquilo que a «imaginação corruta» nos quer apresentar como um dever. Esse descontentamento consigo próprio demonstra as possibilidades valiosíssimas com que pode contar o seu anelo moral. Cumprilhe sair engrandecido e forte dessa luta amarga por que passa agora. Mas o verdadeiro processo não é o que emprega. O verdadeiro é outro, muito mais heróico. Temos confiança que lá chegará.

ANTÓNIO SÉRGIO

JOSÉ MIGUÉIS

A saída de José Miguéis, da SEARA NOVA, sendo uma perda de muito valor, pela sua inteligência, pelo seu carácter e pela sua cultura, tem, para quasi tôdas as pessoas do nosso grupo, uma significação sentimental, de enternecida máguia, que não interessa directamente ao público, mesmo aos leitores tão amigos e tão fiéis da nossa Revista. Há, no entanto, uma palavra de agradecimento e de justiça, que eu me julgo no grato dever de pronunciar, e que em nada diminue a absoluta concordância, de Mário de Azevedo Gomes e minha — para só falarmos dos directores actualmente em Lisboa — com a nota enviada de Paris por António Sérgio, Jaime Cortesão e Raúl Proença, e publicada no n.º 221.

José Miguéis, durante cerca de oito anos, foi um dos camaradas mais dedicados e mais úteis, procurando, de cara alegre e ânimo modesto, as tarefas mais materiais e mais árduas, com um mixto admirável de dedicação consciente e espontaneidade afectiva. Sem ele — e mais dois ou três grandes amigos — as oficinas da SEARA não seriam hoje uma realidade, porque não haveria a coragem de pedir, repetidas vezes, a outras pessoas, uma confiança abonadora, sem o constrangimento duma hesitação, duma arrogância, dum ar protector ou dum compromisso. José Miguéis parte, perguntando-me se estou zangado com ele. Era escusado dizer-lhe que não. Sinto ainda mais viva e alvorçada a minha amizade de irmão mais velho. E, sejam quais forem os caminhos contrários por onde nos leve a nossa acção política e social, os nossos braços nunca poderão erguer-se senão para o mesmo abraço de sempre, fraternal, efusivo, agradecido pelo muito que lhe ficamos devendo.

CAMARA REYS

FÁBRICA DE PAPEL DA MATRENA DE João de Oliveira Casquilho MATRENA-TOMAR

Esta fábrica, dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua indústria, tem sempre nos seus depósitos papéis diversos da sua produção, tais como almassos, escritas, impressões, capas em diversas cores e outras especialidades que podem com vantagem substituir os estrangeiros. São os melhores que se fabricam no País e como tais considerados.

DEPÓSITOS

LISBOA — 96, Rua dos Douradores, 104

PORTO — 99, Rua Duque de Loulé, 109

Telefone em Lisboa: C. 2 5013 Telefone no Porto: 864

End. teleg.: FÁBRICA MATRENA-TOMAR